

## **AINDA AS CAGARRAS...**

Outra campanha SOS-Cagarro começa em breve. Teremos ainda vontade de participar mais uma vez?

Espero que este ano a campanha volte a ser um sucesso e que se reduza ainda mais o número de aves que acaba estripada pelas rodas dos nossos automóveis e prensada no humano alcatrão. Não consigo imaginar fim mais triste para uma jovem ave que durante três meses adormeceu num buraco rochoso a ouvir o mar, a cheirar o mar e a sonhar com voos rasantes no azul. À espera que as plumas fofas se transformem em penas impermeáveis e que as asas cresçam, cresçam, cresçam até que abertas e esticadas meçam mais do que um metro.

Nos nossos dias reduz-se cada vez mais o que partilhamos com os nossos antepassados. As modas mudaram, os hábitos também. As nossas roupas são diferentes, as nossas casas também, os nossos objectos diários e o material de que são feitos mudou muito. Já lá vai o tempo em que uma garrafa de vidro encontrada no calhau era um bem precioso, num tempo em que havia poucos receptáculos que não fossem feitos de madeira. Mas a paisagem sonora dos cantos das cagarras é algo que partilhamos com os primeiros povoadores que vieram habitar estas ilhas. Algo que permanece e que os nossos tetranetos ouvirão ainda quando de nós, com sorte, sobrar apenas uma pequena memória.

Hoje sabemos muito mais sobre estas aves cativantes. Conhecemos os seus locais preferidos para criar, as áreas por vezes tão afastadas destas ilhas onde se vão alimentar, a grande diversidade de peixes, lulas, polvos e camarões de que se alimentam. Mas ainda há mistérios. Porque se juntam em grandes jangadas junto à costa antes de voltar às colónias ao anoitecer? Porque cantam mais os machos do que as fêmeas? O que dizem uns aos outros nas noites quentes de Verão e nas noites ainda frias de Inverno quando começam a vir a terra pela primeira vez no ano?

Se tiver oportunidade participe nas brigadas nocturnas ou ajude a libertar as aves pela manhã. Mas, se isso não for possível, é ainda muito o que pode fazer. O mais importante é que circule nas estradas com segurança e preparado para o kilo de penas, ossos ocos, patas cor-de-rosa e bico-de-gancho que pode estar a cada curva. Parado e sem medo; 500 anos depois começamos a saber tê-los como amigos?

Verónica Neves  
neves\_veronica@yahoo.com  
Ribeiras, 26 de Setembro de 2009